A identidade Ibero-Americana em revista: *Cuadernos Americanos* e *Cuadernos Hispanoamericanos*. 1942-1955.

Maria Antonia Dias Martins[1]

Este texto pretende apresentar de forma geral minha pesquisa de doutoramento. O estudo tem como objetivo analisar a discussão realizada sobre identidade ibero-americana nas revistas Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos no período compreendido entre 1942 a 1950.

A identidade latino-americana é um tema recorrente na historiografia especializada. Vários foram os momentos em que este tema foi objeto de preocupação sem que uma síntese definitiva pudesse ser construída. Segundo Eduardo Devés Valdés este tema foi dominante para os intelectuais latino-americanos no século XIX e continuou muito forte século XX.(DEVÉS VALDÉS, 2001) [2]

A importância deste tema ultrapassa o espaço acadêmico e ganha destaque no político e econômico. Em 1991, aconteceu uma reunião em Guadalajara (México) que deu origem à *Cumbre Ibero-americana* com o objetivo de formar um grande grupo para enfrentar concorrências internacionais e se impor economicamente no mundo globalizado. Nesse encontro estiveram presentes representantes de vinte e um países ibero-americanos e, a partir desse momento, foi instituído um fórum de discussão política sobre temas de interesse comum dos países participantes.

Através da "Carta de Guadalajara" foram definidos os propósitos desse grupo:

> *"Com especial atenção temos nos reunido, pela primeira vez na história, para examinar de forma conjunta os grandes desafios com que se deparam nossos países num mundo de transformações. Propomo-nos acordar a vontade política de nossos governos para propiciar as soluções que esses desafios reclamam e converter o conjunto de afinidades históricas e culturais que nos unem em um instrumento de unidade e desenvolvimento baseado no diálogo, na cooperação e na solidariedade."* [3]

---

[1] Doutoranda no programa de História Social do departamento de História da FFLCH/USP sob orientação da Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato.

[2] Segundo o autor identidade e modernização foram os dois grandes tema da América Latina no período em questão.

[3] I Cumbre de la Conferencia Ibero-Americana. Guadalajara, México, 18 y 19 de Julio de 1991. *Declaración de Guadalajara***.** Tradução Nossa. http://www2.mre.gov.br/daa/ibeadec.htm acessado em 01.12.2009.

Como se pode notar, o documento invoca as afinidades históricas e culturais dos participantes do grupo como elemento de sustentação desse projeto que visa a enfrentar conjuntamente um mundo em transformação.

As identidades são construídas a partir de diversas variáveis, sendo estudadas e debatidas privilegiadamente nos espaços acadêmicos. Dentro desse universo acadêmico as revistas ganham destaque por representarem a oportunidade de divulgação destes estudos para um público maior. Elas permitem captar um momento em que as idéias ainda não estão acabadas, passíveis de alterações, cruzamentos, debates e muitas vezes pensamentos contraditórios.

> *"O tecido discursivo das revistas pode ser visto como um laboratório de onde se experimentam propostas estéticas e posições ideológicas. Instrumentos da batalha cultural, as revistas se definem também pelo feixe de problemas que elegeram colocar em seu centro (ou o inverso, segundo os temas que passaram em silêncio)."* (*SARLO, 1992, p. 14.)*

Ao mesmo tempo em que as revistas operam como "laboratórios de ideias" elas são o registro mais próximo do presente da escrita de um momento da cultura.

> *"Se o seu espaço é a esfera pública, seu tempo, por excelência, é o presente. A revista intervém para deixar sua marca no presente, não está interessada no futuro como o livro. Mas é essa vontade de presente o que a converte em um objeto histórico e passível de ser historiado."(PATIÑO, 2009, p. 461.)*

A revista *Cuadernos Americanos* começou a circular no primeiro bimestre de 1942 e continua em atividade gozando de notável prestígio no meio acadêmico. Sua origem merece ser destacada, pois justifica determinadas posições que a revista tomou em relação ao tema aqui abordado dentro de um contexto político. A revista aqui é considerada como um processo que se desenvolveu em certo marco político e cultural.(KING, 1989).

Seus fundadores eram destacados intelectuais mexicanos e espanhóis que fugindo dos desdobramentos da Guerra Civil espanhola receberam acolhida pelo governo do general Lázaro Cárdenas (1934-1940).

Dentre seus fundadores devemos citar Juan Larrea (espanhol), León Felipe (espanhol), Bernardo Oriz de Montellano (mexicano) e Jesús Silva Herzo (mexicano). *Cuadernos Americanos* nasceu do desejo desses homens em fazerem uma revista de caráter continental, produto da estreita colaboração de hispanoamericanos e espanhóis,

objetivando uma cultura mais universal, mais humana. Segundo LÉON-PORTILLA ardia na mente de seus fundadores a preocupação em salvar a liberdade do homem e a continuidade da cultura, perdidas ambas na Espanha e ameaçadas seriamente em toda a Europa. (LÉON-PORTILLA, 1995, p. 247).

Leopoldo Zea afirmou que entre os espanhóis e a América haviam acontecidos dois grandes encontros: O primeiro em 1492 e o segundo em 1939. A diferença é que no último os espanhóis não procuravam terras, nem escravos ou ouro. Os homens que chegaram ao século XX se negavam a renunciar a "velhos sonhos de liberdade igualitária" e esperavam encontrar em solo americano um conforto para seus ideais. A América deixava de representar um paraíso a ser explorado e passava a ser um refúgio para aqueles que buscavam a construção de um projeto político alternativo. (ZEA, 1992, pg. 253.)

Foram os hispano-americanos os primeiros a vencerem a Espanha imperial e anacrônica. É essa independência que os espanhóis "transterrados" procuravam para o seu povo, não só para os que saíram da Península Ibérica, mas também para os que haviam ficado. Para José Gaos a Espanha era a última nação hispano-americana que faltava libertar-se de si mesma.

Cuadernos Americanos representa esse encontro e em suas páginas podemos verificar uma postura de combate político na condenação a regimes como o de Franco na Espanha e os nazi-fascistas. É uma publicação que está preocupada com seu tempo e as questões políticas, culturais e sociais que afligem o mundo ibero-americano.

No número de estréia (janeiro/fevereiro de 1942) Jesus Silva Herzog assinala que a grande preocupação deve ser sempre o bem estar do homem. Para Herzog o problema da felicidade humana não é somente questão "exterior como também interior"; é o que transcende todos os problemas e sua solução está em conseguir fórmulas para harmonizar o homem com a natureza, o homem com os demais homens e, sobretudo o homem consigo mesmo.

Esta publicação aconteceu num momento em que a II Guerra Mundial atinge proporções de destruição nunca vistas. Segundo Herzog nem Europa nem EUA tem condições de recordar ao mundo aquilo que é mais importante. É papel da América, *La Nuestra America*, lembrar que o mais importante é o homem e seus valores autênticos.

Herzog afirma ser o momento da Ibero-américa ter sua chance histórica de deixar de ser coadjuvante nas decisões da história mundial para se tornar uma das protagonistas. Para o autor quem quer que seja o vitorioso da guerra tentará dominar a América e sua população. Neste momento ele apela para aquilo que une estes povos dos dois lados do Atlântico na tentativa de construir uma saída digna ao impasse do momento.

> *"Tenhamos consciência de nossas analogias históricas, das semelhanças em vários de nossos problemas; tenhamos consciência de nossa personalidade como nações que tem características próprias, porque unidos os de Iberoamérica em um propósito comum, com a eficaz colaboração intelectual dos espanhóis ilustres que tem encontrado asilo em nossas pátrias depois do desastre da República, nos será possível atualizar o sonho de Bolívar e influenciar pela primeira vez de forma decisiva no drama da história universal."* (*SILVA HERZOG, 1942.)*

Herzog chama atenção para as analogias históricas, as semelhanças dos problemas, das características comuns e próprias que fazem destas nações mais próximas do que das outras européias. É importante observar que Herzog neste número de abertura faz referência à Ibero-américa e não a Hispano-américa. Podemos inferir que havia uma preocupação em incluir o Brasil.

Partindo daquilo que é comum às nações ibero-americanas estas agiriam de forma decisiva na nova geopolítica mundial após a guerra. Os elementos comuns seriam a força necessária para que os ibero-americanos consolidassem-se no cenário internacional como independentes e ao mesmo tempo interlocutores de outras potências que saíssem vitoriosas do conflito. A identificação entre estas nações ibero-americanas promoveriam uma ação de inserção e consolidação no cenário mundial. As palavras chaves resultantes desse processo seriam: identificação, identidade e ação.

A identificação de histórias e problemas comuns ou próximos poderia produzir uma identidade que unindo as diferentes nações num processo de superação das divergências constituiria um somatório de forças encaminhadoras de ações em benefício dessa comunidade ibero-americana.

A preocupação em identificar os problemas do momento é um dos assuntos norteadores dos artigos presentes na revista. Uma preocupação constante é a relação da Ibero-América com os Estados Unidos. Dentre os autores que escreveram sobre este

assunto podemos citar Daniel Cosio Villegas[4], Ricardo A. Frondizzi[5] e Jesus Silva Herzog.

Para estes autores os ibero-americanos sofrem uma grave ameaça em sua independência e liberdade com a expansão do império norte-americano, principalmente com o conflito que surge pela Guerra fria. O contexto geopolítico que surge após a II Guerra Mundial não pode deixar de ser abordado pela revista já que interfere na maneira de ser e de viver do mundo ibero-americano, razão de sua existência.

No estudo sobre a identidade ibero-americana destacam-se os artigos que pretendem abordar as semelhanças e diferenças entre os povos que compõem o continente americano. No artigo *Las Cuatro Americas* (1949) Germán Arciniegas[6] destaca a existência de quatro "ilhas" no continente: EUA, Canadá, Brasil e América indo-espanhola. Para o autor colombiano a origem das diferenças entre estes grupos estaria na experiência histórica, escritas em quatro línguas diferentes. Arciniegas afirma que embora as diferenças existam "não é utópico pensar em uma maneira de unidade americana que se apóie em diferenças irredutíveis". (ARCINIEGAS, 1949, p.13.)

Os elementos capazes de compor uma identidade comum seriam a história e a língua. O Brasil estaria desvinculado identitariamente da América-espanhola já que seu idioma é o português e seu processo histórico inclui uma independência realizada pelo herdeiro da realeza lusitana que inaugurou uma monarquia nas Américas.

Percebemos que não existe um consenso sobre o que poderia ser encarado como "igual" ou "diferente" no que se refere ao Brasil. Para Jesús Silva Herzog e outros o Brasil tem os mesmos problemas e a mesma história de colonização que os outros países da América espanhola. Já para Arciniegas embora o Brasil possa estar unido com a Américo indo-espanhola não comungam da mesma identidade.

Não podemos menosprezar a importância atribuída à língua como objeto de identidade. A revista saudou em artigo assinado por José Luiz Martinez[7] o surgimento de uma nova revista de filologia hispânica. Tratava-se de *Nueva Revista de Filologia Hispânica* que era na realidade uma continuação da *Revista de Filologia* espanhola

[4] Mexicano, fundador del Fondo de Cultura

[5] argentino irmão do ex-presidente Arturo Frondizi (1958-1962)

[6] Historiador colombiano

[7]Mexicano, foi acadêmico, diplomata, político e também dirigiu empresas editoriais.

interrompida pela guerra civil e que voltava a circular. Seu diretor era diretor Amado Alonso e instituto mantenedor o Colegio de Mexico. Objetivo desse novo periódico era estudar e divulgar a língua e a literatura hispânica.

A língua também foi objeto de análise para Emilio Romero[8] no seu artigo *Meditaciones indigenistas entre Patzcuaro y Cuzco* (1949). Neste artigo Emilio Romero questiona a tutela estatal a que os indígenas estavam submetidos, principalmente no tocante ao que ele chamou de "isolamento" pela divisão político territorial. Para ele a classificação como indígena ou não de membros da sociedade hispano-americana só esconde o verdadeiro problema que é o da exclusão social. Emilio Romero defende que só devem ser considerados indígenas aqueles que se comunicam apenas através de línguas indígenas e por isso não teriam acesso a cultura moderna de seus países.

Nos diversos artigos que tratam da identidade ibero-americana observamos como possíveis alinhamentos de uma identidade comum a existência de problemas semelhantes no momento: a possibilidade de uma ação política conjunta; um passado colonial e a língua.

Como possibilidade de ação conjunta nota-se a presença de um discurso da ibero-américa como esperança européia. No número de abertura da revista Jesús Silva Herzog afirmou que as soluções apresentadas pelo comunismo, nazifascismo e liberalismo não representavam uma alternativa viável para o mundo já que o haviam levado a uma guerra de proporções nunca vista. Herzog argumentava que, naquele momento, somente na América Latina seria possível pensar criticamente os destinos da humanidade e apresentar soluções novas.

Victor Massuh [9] no artigo *La Esperanza Europea* (1948) afirma que a América "*... antes de ser a esperança de si mesma já era da Europa.*" Ele faz uma reflexão histórica de como a jovem América entrou no imaginário europeu como um contraponto à sua caducidade. O autor também destaca que embora jovem a América já estava contaminada com a marca da traição que havia feito contra si mesma: com suas políticas de perseguições; miséria e de super-valorização do dólar em detrimento do homem. Era necessário resgatar sua missão, seu papel no mundo, ou seja, fornecer um novo modelo de sociedade em que a liberdade e a solidariedade pudessem triunfar.

[8] Historiador e ensaísta peruano.

[9] Filósofo argentino

A revista de Juan Larrea e Jesús Silva Herzog seguiu e se tornou hoje uma referência para todo o continente Americano. Em 1986 com a morte de Herzog a revista passou a ser publicada pela UNAM, sob a coordenação de Leopoldo Zea e hoje segue sob o comando de Adalberto Santana.

A resposta do outro lado do Atlântico: Cuadernos Hispanoamericanos.

A revista *Cuadernos Americanos* de orientação republicana teve ampla aceitação e, portanto, grande circulação na América Latina. Por esse motivo, do outro lado do Atlântico, não tardou a aparecer uma resposta do governo nacionalista espanhol que, para vencer o ostracismo a que fora relegado após a vitória dos Aliados, lançou mão de uma política hispanoamericanista. Essa política se concretizou a partir de um projeto cultural que tinha como objetivo facilitar a aproximação dos espanhóis com os hispanoamericanos e, consequentemente, ampliar o apoio político ao governo de Franco.

Para a realização deste projeto cultural foi criado, em 1940, o *Consejo de Hispanidad* com o objetivo de fazer propaganda do regime e da cultura hispânica através de concessão de bolsas de estudos para que jovens hispanoamericanos fossem estudar na Espanha e da publicação de obras que enaltecessem a identidade hispânica. No que se refere à propagação do hispanismo, a propaganda deveria expressar continuidade e afinidade da Espanha franquista com a tradição católica, com a cultura do *Século de Ouro* e com as conquistas do passado Imperial.

Como os resultados obtidos pelo *Consejo de Hispanidad* foram modestos, os responsáveis pela política de aproximação entre Espanha e Hispanoamerica criaram, no final de 1945, o *Instituto de Cultura Hispánica*[10], através do qual foi montado um eficiente sistema de publicações voltadas para esse objetivo. Em princípios de 1947, ficou definido que o trabalho editorial do Instituto se encarregaria da preparação de duas publicações periódicas: *Mundo Hispánico* (revista de grande circulação nacional) e *Cuadernos Hispanoamericanos* publicação voltado para a integração Espanha/América Espanhola e também criada com o objetivo de rebater as criticas feitas ao franquismo em *Cuadernos Americanos*.(CAPELATO, 2005, p. 344-370.)

[10] Transformado em Instituto de Cooperación Iberoaméricana no início da década de 1980.

O objetivo de *Cuadernos Hipanoamericanos* era, ao mesmo tempo, atuar como meio de sociabilidade e de propaganda do governo espanhol com a América Latina. A revista significou uma tentativa de quebrar o bloqueio internacional buscando apoio entre os filhos da *Madre España* e, por esse motivo enfatizava a *hispanidad*, ou seja, os tradicionais laços de afinidade entre os dois povos de origem comum. A valorização da identidade hispanoamericana se prestava ao ocultamento de conflitos, confrontos e fissuras entre espanhóis e hispanoamericanos que ocorreram no passado e continuavam ocorrendo no presente ainda marcado pela violência da Guerra Civil.

A revista espanhola começou a circular em 1948 e continua sendo publicada até os dias de hoje. Seu fundador foi Pedro Laín Entralgo, intelectual erudito de formação humanística que esteve ligado ao grupo falangista[11]. Entralgo dirigiu a revista no período de 1948 a 1951 sendo substituído por Luis Rosales (1951-1966). *Cuadernos Hispanoamericanos* passou por várias fases[12], mas nos deteremos apenas na primeira que foi apresentada como fruto de um projeto cultural, mas que, na verdade, foi idealizado com propósitos políticos.

Os responsáveis pela revista, nessa primeira fase, procuravam exaltar o que era comum entre os países que compunham o mundo hispânico para justificar uma união política. Dessa forma procuraram mostrar que esses dois lados se complementavam. Neste sentido, afirmavam:

[11] O pensamento de Laín Entralgo pode ser resumido em: Crítica à Europa; Afirmação da Espanha católica e defesa do Estado totalitário como meio para solução dos problemas na Europa. Participou da equipe ministerial de Franco ocupando um cargo ligado ao Serviço Nacional de propaganda. Ver: CAPELATO, Maria Helena R. Ob. Citada.

[12] A primeira fase da revista vai de 1948 a 1966 - um período de exaltação dos valores da hispanidade, do cristianismo católico em oposição aos valores ateus e materialistas do comunismo. Nesta fase também são publicados textos de figuras identificadas como anti-franquistas. Estas publicações são explicadas pela preocupação da revista em mostrar uma Espanha unida culturalmente. Segunda fase de 1966 a 1982, Neste período é forte a influência de historiadores na Revista como também uma renovação dos intelectuais que dela participam. A revista atua numa nova atmosfera de mudanças sociais que até 1975 não foi acompanhada na vida política. Neste período houve um boom de escritores latino americanos que terão lugar em *C.H.*. Neste período há também uma forte presença do pensamento revolucionário, principalmente após a Revolução Cubana. Podemos considerar em 1975 o nascimento de uma terceira fase com a mudança política provocada pela morte de Franco e a chamada transição política que abriu espaço de debates e de informações antes proibidos. Espanha se tornou um país de "acolhida" com a proliferação de ditaduras na América. Em 1996 se abre uma quarta fase com a direção de Juan Malpartida – o primeiro americano a dirigir a revista. Nesta fase a revista emprega dossiês temáticos com seções de ensaios breves e literatura, além de entrevistas e uma sessão de atualidades. A política editorial volta sua edição a um público com formação intelectual média ou superior, que esteja interessado nas "humanidades" e também nas artes visuais. MATAMORO ROSSI, S/D, pgs. 91-100.

> *"Um perigo hoje ameaça os europeus, além de consumir-se na miséria ou na nostalgia: pensar que América, a grande e jovem América, só é capaz de oferecer à história, sua técnica, suas matérias-primas e certo brio adolescente. E um perigo ameaça os americanos (...): crer que Europa, a estreita e velha Europa, não é mais que uma Bizâncio exausta, um continente que vive se diluindo miseravelmente em suas próprias tradições. (...)*
> *Nada mais urgente que abandonar ambas atitudes. Em primeiro lugar porque uma e outra são manifestações de um ressentimento oculto: o do europeu, frente à força e alegria da América; o do americano, frente à complexidade e sutileza da Europa. Em segundo lugar, porque essa visão da história posterior ao ano de 1492 é grosseiramente errônea. Desde o ponto de vista disso que chamamos "cultura", América tem sido uma ampliação da Europa."*[13] *(Tradução nossa)*

O segundo número *de Cuadernos Hispanoamericanos* traz no editorial o tema do distanciamento entre a Europa e a América como fruto de desconhecimento que trazia prejuízos para as duas partes e insistia na necessidade de aproximação entre esses dois mundos capazes de promover muitas trocas culturais.

A tentativa de interferência na vida cultural e intelectual latino-americana foi explicitada no artigo *"Vieja Europa Joven América"*de autoria do fundador e editor da revista Pedro Lain Entralgo. Nesse texto, o editor definiu as pretensões da nova publicação:

> 1 – Criar uma consciência histórica unitária entre os países hispano-americanos. Como partes essenciais desta consciência estariam a língua, a fé, o templo ético e afirmação de personalidade.
>
> 2 – Mobilizar os hispânicos a expressar esta consciência em idéias, palavras, obras visíveis e forma de vida válida para todos os homens.

O reconhecimento de uma identidade hispânica era uma das maiores preocupações da revista. Alguns artigos fazem da busca deste (re) conhecimento sua matéria principal. Antonio Montarcé Lastra no artigo *El Fondo Español de lo Gauchesco* (1948) busca na história a legitimação para esta identidade.

> *"*O homem é, assim um sujeito que existe em função com a comunidade histórica a que pertence, circunstância que deve ter-se especialmente em conta ao iniciar um ensaio sobre a vida do gaucho... (...) O habitante do

[13] Editorial. Lain Entralgo, Pedro. Vieja Europa Joven América. *IN Cuadernos Hispanoamericanos* nº2, março/abril de 1948. pg. 193.

> pampa, precursor da nação crioula nasceu na conquista e se desenvolveu e adquiriu personalidade no curso de três séculos de uma colonização, que não era vassalagem." (*MONTARCÉ LASTRA, 1948,p. 44*) [14]

O antepassado espanhol é bastante citado como elemento constitutivo básico na formação da hispanoamérica e o orgulho desta história é bastante destacado. É o caso do artigo de Osvaldo Lira *Hispanidad y Mestizaje* (1949) que defende a valorização do espanhol nesta formação da América:

> *"Porque devemos guardar fé e respeito a nossos antepassados, por isso devemos proclamar uma e outra vez que foi Espanha quem fez nossas nações e quem quer que pretenda, sem ser espanhol ou sem haver estado ao serviço da Espanha, haver contribuído ao processo histórico de três séculos que as engendrou e fez chegar a maioridade, será necessariamente um falsário."* (*LIRA, 1949, p 286)*[15]

Observamos que a Espanha é representada como a grande pátria mãe e como tal merece o respeito. De acordo com o autor ela foi a responsável pela criação das nações hispanoamericanas e nenhuma outra mais. Mesmo que tenha havido imigrações como foi o caso da Argentina a formação principal da nação deve-se a nação ibérica.

Não eram apenas intelectuais espanhóis os colaboradores da revista. Ela recebia também artigos de outros países que estivessem em sintonia com sua visão de *Hispanidad.* No segundo número da revista Honório Delgado[16] contribuiu com o artigo *Fundamentos Ontologicos de Nuestra Unidad Cultural* em que exalta os elementos que unem os dois lados do Atlântico como a raça, a língua e a religião.

> *"Nossa adesão ao hispanismo não obedece nenhum indício de parcialidade. Ao contrário, é mostra de uma profunda aspiração às origens da universalidade bem entendida na busca de sustento genuíno para conseguir por esforço próprio e com nosso ser peculiar uma concepção clara, orgânica e integral da vida …"* (*DELGADO, 1948, p. 199.)*

A concepção de uma hispanidad que legitimava a importância e aproximação com a Mãe Pátria não era exclusividade de espanhóis. Vemos por esse artigo que outros pensadores na hispanoamérica comungavam dos mesmos ideais. Eduardo Caballero

[14] Tradução livre da autora

[15] Tradução livre da autora.

[16] Filósofo, educador, lingüista, biólogo e psiquiatra peruano.

Calderón[17] em seu artigo *Lo que Hispanoamerica Representa en el Mundo Contemporâneo* (1948) afirmou que a Espanha era como o fermento sem o qual pode-se até fazer o pão porém sem ele a massa não cresce e o paladar sofre. Para ele era necessário "salvar" na hispanoamérica este fermento da Espanha, ou seja, voltar aos valores da raça e religião hispânicos.

Não eram explicitados nas páginas da revista, os móveis políticos de sua criação que iam além da tentativa de aproximação com hispanoamerica. Os responsáveis pela circulação de *Cuadernos Hispanoamericanos*, acreditavam que esse canal de comunicação seria capaz de, além de aproximar os dois mundos hispânicos, fazer frente ao predomínio político e cultural dos norte-americanos no continente hispanoamericano: os EUA eram vistos como o principal adversário da Espanha que, no período, tentava construir uma rede de influência na região. Isto explica porque *Cuadernos Hispanoamericanos* criticou, em vários números, o Pan-americanismo, considerado uma forma disfarçada de domínio e interferência dos EUA nos negócios de interesse dos hispano-americanos.

O ostracismo político imposto à Espanha depois do final da II Guerra Mundial só foi aliviado por iniciativas como a da Argentina comandada por Perón que manteve com a nação dirigida por Franco intercâmbios econômicos e políticos. *Cuadernos Hispanoamericanos* criticava os aliados vencedores do conflito pelo tratamento que impunham à Espanha "por ser acusada de ter colaborado com os vencidos, quando os vencido já se sentem na mesma mesa que os vencedores!" Ela que fora a combatente mais destemida contra o comunismo, sofre como nenhuma outra nação os efeitos desta luta.

Em *Cuadernos Hispanoamericanos* o presente é objeto de preocupação no sentido em que ameaça os valores históricos da *Hispanidad*, em *Cuadernos Americanos* o presente é o momento de inserção da Ibero-américa para fugir de seu lugar de coadjuvante no mundo. Nestas duas perspectivas a identidade é elemento constitutivo primordial para construir e defender seus objetivos.

[17] Foi jornalista, ensaísta, diplomático e político colombiano.

Fontes

Cuadernos Americanos – Universidade Autônoma do México. Período 1942 a 1955.

Cuadernos Hispanoamericanos – Ediciones Culturas Hispanicas. Período 1948 a 1955.

La huella editorial del instituto de cultura hispánica – Ediciones cultura hispánica y otras publicaciones: estúdios y catálogo (1944-1980). Ministério de Asuntos Exteriores. Madrid, Fundacion Mapfre Tavera.

Bibliografia

AGUINAGA, Carlos Blanco. El Exilio español em México: Acogida y Respuestas. IN ***Cultura, Historia y Literatura del exilio republicano espanõl de 1939 – Actas del Congreso Internacional "Sesenta anõs después"*** (Andújar, Jaén, 1999). 2002, Universidade de Jaén – España.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas.** São Paulo, Cia das Letras, 2008.

ARIAS OLMOS, Ana Cecília. **Revistas culturales y la transición: Prácticas políticas y estratégias de intervención cultural – Una lectura comparada de *Punto de Vista y Novos Estudos Cebrap.*** 2000. Tese (Doutorado em Língua espanhola e literaturas Espanhola e Hispano-Americana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

ARCINIEGAS, German. Las cuatro Americas. **Cuadernos Americanos,** México, Vol. XLV, nr. 03. Mayo-junio 1949. Pgs. 7-17

BEIRED, José Luis Bendicho. Hispanismo, Intelectuais e Identidade nacional na Argentina. **Anais eletrônico do VIII Encontro Internacionl da ANPHLAC.** Vitória. 2008. http//www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro08/jose_luis_bendicho_beired.pdf

BERABA, Ana Luiza. **América Aracnídea – teias culturais interamericanas**. RJ, Civilização Brasileira, 2008.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007.

CANCLINI, Néstor García (Coord.). **Culturas da Ibero-América – Diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento.** São Paulo, Editora Moderna Ltda, 2003.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista, 1920-1945.** São Paulo, Brasiliense, 1989.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Ligia Coelho. **O Bravo Matutino: Imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo".** São Paulo, Alfa-Ômega, 1980.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Cuadernos Hispanoamericanos – Idéias políticas numa revista de cultura. **Varia História,** Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 344-370, 2005.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Revistas Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos como armas de luta política.** Texto mimeo. apresentado no Congresso de Americanistas em Sevilha, julho de 2006.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 2: O poder da identidade.** São Paulo, Paz e Terra, 2008.

CHACON, Vamireh. **A Grande Ibéria – Convergências e divergência de uma tendência.** São Paulo, Unesp, 2005.

DELGADO, Honorio. Fundamentos Ontologicos de Nuestra Unidad Cultural. **Cuadernos Hispanoamericanos,** Madrid, nr. 02,marzo-abril 1948, pgs. 199-213.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. **Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950).** Centro de investigaciones Diego Barros Arana. Buenos Aires, Biblos, 2001.

GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el Fusil. Debates y dilemas del escritor revolucionario em América Latina.** Buenos Aires, Siglo XXI Editores Argentina, 2003.

GONZÁLEZ NEIRA, Ana. Cuadernos Americanos y el exilio español: nacimiento de una revista universal (1942-1949) IN Cuadernos Americanos vol 1, nº127. 2009. Pg. 11-30.GONZÁLEZ NEIRA, Ana. La Guerra Civil y El exílio em la Prensa Cultural Mexicana. In: **Congresso Internacional La Guerra Civil Española 36-69.** www.secc.es/media/docs/16_2_GONZALEZ_NEIRA.pdf

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** SP, DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora – Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.

HOBSBAWN, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780.** SP, Editora Paz e Terra S.A.

KING, John. **Sur Estudio de la revista argentina y de su papel em El desarrollo de uma cultura 1931-1970.** México, Fondo de Cultura Económica,1989.

LARREA, Juan. Carta a Jesús Silva Herzog. **Cuadernos Hispanoamericanos,** Madrid, nr. 640. Octubre 2003.

LEÓN-PORTILLA, Ascensión Hernández de. España y lo Español em Cuadernos Americanos. **Cuadernos Americanos,** México, Vol 3, nr. 51, mayo-junio 1995.

LIRA, Osvaldo. Hispanidad y Mestizaje. **Cuadernos Hispanoamericanos,** Madrid, nr. 08, marzo-abril 1949. Pgs. 279-286.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MATAMORO ROSSI, Blas. Uma ojeada retrospectiva sobre Cuadernos Hispanoamericanos. IN **La Huella editorial del Instituto de cultura hispânica – Ediciones cultura hispânica y otras publicaciones: estúdio y catálogo (1944-1980).** Ministério de Asuntos Exteiores. Madrid, Fundacion Mapfre Tavera. S/D pgs. 91-100.

MONTARCÉ LASTRA, Antonio. El Fondo Español de lo Gauchesco. **Cuadernos Hispanoamericanos,** Madrid, nr. 04, juliio-agosto, 1948. Pgs. 43-71

RAMOS ORTEGA, Manuel J. . Las revistas españolas a partir de 1939. IN **Quimera – Revista de Literatura**. Número 250, noviembre 2004, Barcelona.

PATIÑO, Roxana. América Latina Literatura e crítica em revista(s).In: Souza, Eneida Maria e MARQUES, Reinaldo (Orgs). **Modernidades Alternativas na América Latina.** Belo Horizonte. Editora UFMG, 2009.

PELEGRINO, Gabriela Novos meridianos da produção ditorial em castelhano – o papel e espanhóis exilados pela Guerra Civil na Argentina e no México. IN **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 23, n. 38. Jul/Dez. 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e Mexe Nacionalismo – Paradoxos do Nacinalismo Literário**. SP, Cia das Letras.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a História Compara da América Latina. In **Revista de História**, número 153 (Terceira Série), PPGHS- FFLCH/USP 2º semetre de 2005

RAMA, Carlos. **Historia de las relaciones culturales entre España y la América Latina. Siglo XIX.** México, Fondo de Cultura Económica. 1982.

SAID, Edward. **Representações do intelectual – As conferências Reith de 1993.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAID, Edward. **Cultura e Política.** São Paulo, Boitempo editorial. 2003.

SANCHEZ MONTERO, Rafael y otros. **La imagen de España em América. 1898-1931.** Sevilla, CSIC. 1994.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação.** São Paulo, EDUSP, 2005.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. **América. Cahiers du CRICCAL. Les discours culturel dans les revues latino-américaines de 1940 à 1970**, Paris, n. 9-10, p. 9-16, 1992.

SCHWARTZ, Jorge; PATIÑO, Roxana. Introdución. **Revista Iberoamericana,** Pittsburgh, v.1. n. 208-209, p. 647-650, jul/dez 2004.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org) **Por uma história política.** 2. ed. Rio de janeiro: Editora FGV, 2003.

SILVA HERZOG, Jesús. Lo Humano, problema esencial. **Cuadernos Americanos,** México, Vol CCXL, Ano XLI, nr. 1, Enero-febrero 1982.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "*Por que no te callas*? In: **Carta Capital** nr. 23, *29 de Novembro de 2007*

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Diálogos Culturais Latino-americanos na primeira metade do século XX*. In **Projeto História – polifonia e latinidade**. Nº 32, São Paulo, Revista do Programa de estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC/SP, jan/jun 2006. pgs. 239-252.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** São Paulo, Paz e Terra, 2008.

WINOCK, Michel. As idéias políticas. In: RÉMOND, René (org) **Por uma história política.** Rio de janeiro: Editora FGV, 2003.

ZEA, Leopoldo. **Fuentes de la cultura latinoamericana.** México, Fondo de cultura económica. 1993.

ZEA, Leopoldo. **El pensamiento latinoamericano.** Barcelona. Editorial Ariel, 1976.

ZEA, Leopoldo. El outro encuentro. **Cuadernos Americanos,** México, Vol.2, nr. 32, Marzo-abril, 1992. Pgs. 253-255.